

**ANÁLISE DAS PREMISSAS TEÓRICAS DE FEUERSTEIN E AS
PROPRIEDADES DE SEU PROGRAMA – PEI – COMO PROPOSTA DE
REABILITAÇÃO E INTERVENÇÃO NEUROPSICOLÓGICA NAS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Daniela Garcia Rigon

Monografia apresentada como exigência do Curso de Pós Graduação Especialização em
Neuropsicologia – sob orientação da
Profa. Dra. Caroline Tozzi Reppold.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Porto Alegre, dezembro/2010

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Caroline Tozzi Reppold por ter acolhido gentilmente minhas idéias para compor este trabalho e pacientemente entender os muitos momentos difíceis pelos quais passei. Sua força e estímulos foram fundamentais e ajudaram-me muito a chegar até aqui. Meu MUITO OBRIGADA!

À minha mãe Vanda Maria G. Rigon que por muitas vezes trouxe a força e o ânimo necessários para eu continuar.

Ao meu marido Alexsandro D. S. Godoi que incentivou a minha conquista.

À duas pessoas muito especiais, minha prima Maria Luiza R. Borsa e minha amiga quase irmã, Patrícia, que dividiram os cuidados maternos com os meus filhos para que eu pudesse construir este trabalho.

Minha grande amiga Christiane S. Camargo, que com dedicação e empenho me ajudou a organizar as idéias e refletir sobre os conceitos.

Em especial minha prima Ana Maria R. Bolzan, que conseguiu “colocar ordem na bagunça”, me auxiliando na finalização e nos retoques finais.

Bom agradeço, a todos os meus amigos e familiares com os quais contei, dividindo minhas angústias, me acalmando, me apoiando de alguma forma e, que neste momento, posso não ter citado especificamente. A todos, fica o meu MUITO OBRIGADA.

“Quiero hacer contigo lo que la primavera hace com las flores”

(Pablo Neruda)

SUMÁRIO

	Pág.
Resumo.....	4
Capítulo I	
Introdução	5
1.1 Considerações Gerais.....	5
1.2 Intervenção/Mediação.....	6
1.3 Objetivo.....	7
Capítulo II	
Método	8
2.1 O instrumento – PEI-.....	8
2.2 . O PEI, seus instrumentos e suas características específicas:.....	11
Capítulo III	
Discussão.....	16
Capítulo IV	
Considerações Finais.....	18
Referências.....	19
Anexos	
Anexo A.....	24
Anexo B.....	25

RESUMO

Os programas de reabilitação se tecem através de diversas teorias e métodos provenientes de diferentes vertentes filosóficas, sociais e científicas. Um programa de reabilitação neuropsicológica propõe habilitar o indivíduo acometido de alguma lesão cerebral ou não que apresenta dificuldades de aprendizagem, cognitivas ou comportamentais. Assim propõe-se esta análise como possibilidade de uma prática/técnica neuropsicológica que auxilie na evolução dos indivíduos, utilizando materiais livres de conteúdos específicos, que trabalham o indivíduo e as suas dificuldades de maneira global. Em específico, este trabalho visa a refletir sobre o programa de intervenção do Prof. Reuven Feuerstein com a proposta de educação cognitiva-EAM-Experiência da Aprendizagem Mediada e o PEI- Programa de Enriquecimento Instrumental, que podem compor um plano de reabilitação com pessoas que apresentam dificuldades de aprendizagem adquiridas ou não. Serão apresentados os instrumentos e seus objetivos, que buscam promover a excelência cognitiva através da metacognição. Neste programa, o indivíduo é exposto a exigências gradativas de aquisição de conceitos e desempenho cognitivo, nas quais o foco principal é a conscientização do processo pelo qual se desenvolveu o raciocínio de resolução dos problemas. Podem ser aplicados em crianças a partir de nove anos, adultos e longevos, mesmo apresentando dificuldades motoras, pois o que está sendo desenvolvido são as capacidades mentais do sujeito. De acordo com o apresentado nesse trabalho, pode-se concluir que o programa PEI é uma estratégia inovadora e eficaz de tratamento de questões neuropsicológicas avaliadas em programas e testagens específicos de memória, linguagem, atenção e funções executivas.

PALAVRAS-CHAVE

Reuven Feuerstein, dificuldades de aprendizagem, intervenção neuropsicológica, reabilitação.

Capítulo I

INTRODUÇÃO

1.1 Considerações Gerais

A Neuropsicologia busca intervir nos distúrbios cognitivos, emocionais e de personalidade, provindos de um não ajustamento no funcionamento cerebral. O ser humano somente consegue agir e conhecer o mundo através do funcionamento coordenado de recursos cognitivos e múltiplas conexões feitas pelo cérebro, em rede complexa entre a cognição, afetividade e sensibilidade (emoções). Para Lezak (1995), a neuropsicologia aborda as expressões comportamentais das disfunções neurológicas; já de acordo com Nitrini (1996), estuda as relações entre cognição e comportamento e a atividade do sistema nervoso tanto em condições normais quanto em patológicas. Essas definições apontam a complexidade e ampla área de abrangência da neuropsicologia que visa melhorar o desempenho humano em sua amplitude.

A busca por intervenções específicas que atinjam as necessidades de cada paciente remete os profissionais a um constante olhar para as pesquisas e opções que possam estar sendo elegíveis. Nesta procura, encontra-se a proposta pedagógica de Reuven Feuerstein, pedagogo e psicólogo, que realiza trabalhos de estimulação cognitiva no instituto que dirige em Israel - o *Canadá Research Institute*. Feuerstein trabalhou com André Rey e Piaget na busca de melhores e adequadas propostas de intervenções que auxiliassem os indivíduos a aprimorar seus desempenhos em diferentes tarefas, buscando padrões de raciocínios mais elaborados. Feuerstein, preocupado com a recuperação de indivíduos com baixo desempenho cognitivo-intelectual, trabalhou inicialmente com judeus imigrantes do Norte africano provenientes do Holocausto e veio a desenvolver a Teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM), o Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI) e a Avaliação Dinâmica do Potencial de Aprendizagem (LPAD).

1.2 Intervenção/Mediação

A EAM, como proposta pedagógica de Feuerstein, propõe que um ser humano somente se desenvolverá se for estabelecida uma relação qualitativa de interação mediada com outro ser humano mais desenvolvido, uma vez que um mediador é quem transmite ao mediado questionamentos e vivências diversas, de modo a desenvolver o potencial das funções mentais. Contudo, nem toda interação e transmissão cultural pode ser considerada mediação e nem todo processo interativo alcança o nível de interação-mediação. Considera-se mediação a ação composta de três critérios: 1) intencionalidade do mediador e reciprocidade pelo mediado, 2) construção de significados, e 3) transcendência da realidade concreta. Esta, quando ocorre, corresponde à aprendizagem de conceitos que podem ser relacionados e usados em outras situações e contextos.

Reuven Feuerstein, através das metodologias de educação cognitiva e aprendizagem mediada, propõe que se enfatize nos trabalhos de intervenção atividades teórico-abstratas e não somente concretas. Esse modelo é paralelo à premissa Piagetiana que enfatiza a relação dialética entre o organismo e o objeto ou, mais propriamente, entre o sujeito e o objeto (Beyer, 1996). Feuerstein enfoca a qualidade da interação humana como um fator central. Assim, a diferença fundamental entre Feuerstein e Piaget é que o primeiro prioriza a existência da EAM (Experiência da Aprendizagem Mediada) como condição fundamental para preparar os indivíduos a “aprender” e beneficiar-se da exposição direta ao objeto. Existe a necessidade efetiva e afetiva da presença de um outro, denominado *mediador* que se interpõe entre o indivíduo e o conjunto de objetos que o rodeia. Feuerstein propõe que não é somente a exposição direta ao objeto, agregada à maturação biológica, que possibilita aos esquemas mentais conduzirem a aprendizagem. Segundo ele, em uma EAM, uma alta quantidade de trocas ocorre através da presença do outro que ativará o sistema cognitivo do indivíduo, provocando uma construção estrutural e flexível, verticalizando e conduzindo a maturação. A EAM é a interação entre o organismo e o meio, com a interposição de um ser humano iniciado e intencionado, que medeia o mundo e o organismo, criando no indivíduo a tendência à mudança pela interação com os estímulos. Esse processo envolve uma aprendizagem consciente e ativa dos conceitos e, assim, uma metacognição (Cesca, 2001).

O programa desenvolvido por Feurstein é capaz de concretizar tais relações entre mediado e mediador na construção das aprendizagens, de novos conhecimentos e resgate de propriedades intelectuais danificadas.

1.3 Objetivo

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a utilização do material – PEI- como proposta de intervenção neuropsicológica na composição de um programa de reabilitação.

Capítulo II

MÉTODO

2.1 O instrumento –PEI

Denominado Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI), é composto por diferentes instrumentos, organizados de forma crescente no nível de exigência cognitiva. O programa trabalha dificuldades diferenciadas e possui poucos critérios excludentes, a saber: a necessidade de um grau de compreensão médio e idade mínima de oito anos. Não há exigências de escolarização formal, nem mesmo alfabetização, pois os instrumentos que apresentam instruções escritas podem ser lidas pelo mediador. O programa tem o nome de instrumental por não se relacionar a uma habilidade específica ou a conteúdos de uma área de conhecimento única. É, em si, um processo de pensar que objetiva promover a autoplaticidade de uma pessoa, aumentando sua capacidade de aprender (ICELP). Exige um mediador, que aplica o instrumento e media a realização das tarefas do instrumento, conduzindo o sujeito a raciocinar de forma mais eficiente. Estes instrumentos foram elaborados de forma a evitar qualquer tipo de barreira lingüística e cultural, estando representados por várias e diferentes modalidades de linguagem, com especificidade de aumentarem progressivamente os níveis de abstração, complexidade e eficiência.

Durante o processo de realização dos instrumentos, é a necessidade do mediado-indivíduo que determina a intensidade da mediação. Assim, a complexidade de estratégias para solucionar problemas é crescente ao longo da aplicação das tarefas, visando a excelência cognitiva e a promoção de uma mudança cognitiva estrutural, conforme reage e necessita o mediado (ICELP). Esta mudança se consolida a partir da transcendência, princípio relatado anteriormente, no qual o indivíduo é levado a refletir sobre a aprendizagem realizada no instrumento e posteriormente utilizá-la em seu cotidiano.

Feuerstein crê que a inteligência não está na obtenção do produto ou resultado final das respostas dos problemas, mas na ativa construção das respostas pelo indivíduo e no processo de tomada de consciência. Competem para modificação cognitiva e estrutural processos de auto-regulação envolvendo metacognição (o pensar sobre o

pensar). A reflexão proposta pelo mediador torna possível identificar os caminhos (esquemas cognitivos) que promoveram erros ou acertos na busca da resolução dos problemas (vivenciados nos diferentes ambientes de aprendizagem de maneira autônoma e eficiente). É uma proposta de intervenção que abrange trabalhar habilidades (fortes e fracas), com um material que enfatiza os componentes do ato mental no seu todo.

Trata-se de uma proposta de intervenção neuropsicológica que é baseada no método de educação cognitiva. É um modelo de educação cooperativa, não competitiva, onde não se busca mera assimilação de conceitos ou conhecimentos, mas sim o desenvolvimento de competências para resolução de problemas (Moréia,1999). Em termos operacionais, o PEI é constituído por 14 instrumentos; a saber: Organização de Pontos, Orientação Espacial, Comparações, Classificações, Ilustrações, Percepção Analítica, Orientação Espacial II, Instruções Relações Familiares Relações Temporais, Progressões Numéricas, Relações Transitivas, Silogismos e Desenho de Padrões.

Os instrumentos citados foram desenvolvidos a partir de conteúdos neutros, que buscam acessar e facilitar o desenvolvimento intelectual, o qual pode estar lesado ou não. Neste programa cognitivo de Feuerstein, o que importa não é ensinar matemática ou outro conteúdo específico, mas sim desenvolver o raciocínio para que o indivíduo possa compreender as exigências das diferentes situações e possa, assim, interagir com elas, sabendo usar conhecimentos adquiridos diante das necessidades da vida.

O PEI centraliza sua intervenção no processo geral do pensamento, promovendo no mediado uma transformação em seu raciocínio, possibilitando uma transcendência às próprias tarefas do instrumento, para que o raciocínio modificado possa ser processado nas diversas áreas da vida pessoal (Feuerstein,1997). A ênfase está no aprender a aprender ou aprender a pensar.

Em síntese, o PEI, composto por uma série de instrumentos criados para acessar e facilitar o desenvolvimento de funções cognitivas, foi estabelecido em seqüência de dificuldades tanto no que se refere às operações mentais, quanto no número de elementos de cada tarefa. O que norteia o trabalho com os instrumentos é a experiência da aprendizagem mediada, pois é, na relação mediado-mediador que se estabelecem as modificações das funções mentais. Dessa forma, os instrumentos envolvidos são trabalhados na sua perspectiva material – o instrumento em si – e na perspectiva interativa, a qual envolve a abstração dos resultados, ou, em outras palavras, a aplicação da aprendizagem mediada na relação mediado-mediador (Gomes, 2002).

O aspecto material do instrumento é padrão e uniforme, mas a forma como o instrumento é utilizado é flexível e específica ao âmbito clínico (Kozulin, 2000), possibilitando o caráter individualizado de um processo de reabilitação.

Como dito, o PEI agrega um conjunto de estímulos que exigem condutas cognitivas cada vez mais elaboradas, colocando em movimento os esquemas mentais, estabelecendo um espaço para a interação mediacional como foco. A mediação é a palavra-chave do programa; Através dela, o mediador irá utilizar intencionalmente estímulos em suas intervenções que exijam que o indivíduo faça conexões mentais de maneira a conseguir resolver as propostas dos instrumentos.

Como objetivo geral do PEI está a promoção da modificabilidade cognitiva do indivíduo, conceito este que se baseia na plasticidade neuronal, especificamente em mudanças estruturais na capacidade de raciocínio e de se relacionar no mundo, adaptar-se às novas situações desafiadoras, de sua experiência como um ser social e único (Dockrell, 2000). O programa promove a autonomia de forma a criar nos indivíduos novas possibilidades de interação e exposição direta aos objetos que o cercam na busca da construção de conhecimentos. Nesse sentido, funções como atenção e captação (input), de integração e elaboração (processamento) e de planificação e expressão (output) são vistas como aptidões necessárias para construção do conhecimento (Feuerstein, 1987), e são trabalhadas nestes instrumentos de forma homogênea, buscando a metacognição durante a realização de atividades. Este objetivo envolve conceitos de treinabilidade e educabilidade de estratégias de memória e metamemória (estratégias mnemônicas: visualizar, imaginar, verbalizar, categorizar, etc.) para a promoção do potencial de aprendizagem.

O PEI é uma proposta metodológica que ressalta o aprender a aprender e a resolução de problemas e procura minimizar a utilização das reações impulsivas de curto tempo, características do comportamento das crianças durante a realização das tarefas. Exige planificações metarreguladas de respostas com caráter de longo termo, que subentendem gratificações intrínsecas interiorizadas e transcendentais, que caracterizam os comportamentos superiores humanos. Envolve aplicação de conhecimentos adquiridos a partir das experiências anteriores e formulação de planos para lidar com as exigências das tarefas com que se confronta. Nessa perspectiva, a autonomia para aprendizagem é um dos objetivos deste programa, que em última instância, busca alcançar o desenvolvimento da metacognição e a abstração de diferentes estratégias cognitivas que auxiliam a compreensão do processo de

aprendizagem de conceitos através da mediação. Segundo Feuerstein e colaboradores (1987), sem a experiência de aprendizagem mediatizada, contemplada na educação cognitiva, as habilidades não emergem, pois não basta que a maturação neurológica ocorra de acordo com a lógica temporal; é crucial que se observe um processo intencional de interação social e mediatizado entre os indivíduos experientes e inexperientes.

Os instrumentos deste programa se caracterizam, então, por uma forma de mediação, mesmo que tardia ou após a presença de lesão, dos processos mentais. Pode-se afirmar que os instrumentos sintetizam um objetivo principal e seis subobjetivos. Primeiramente, buscam oportunizar que aprendizagens ocorram através do contato direto com o meio, ou seja, apoiando a capacidade de aprendizagem autônoma, propiciando o alcance de desempenhos mais elevados cognitivamente. Os seis subobjetivos são:

- corrigir funções cognitivas deficientes;
- auxiliar a aquisição de conceitos que serão necessários para a realização do programa (atentando para o mediador conhecer quais seriam pré-requisitos);
- propiciar motivação interna;
- favorecer o desenvolvimento da abstração dos diferentes processos e estratégias cognitivas, facilitando a compreensão por parte do indivíduo de seus fracassos e sucessos;
- manter a motivação intrínseca através do crescente grau de dificuldade das tarefas;
- possibilitar o desenvolvimento de uma auto-imagem ativa.

2.2 O PEI, seus instrumentos e suas características específicas

Como já apresentado, os instrumentos seguem uma determinada ordem de aplicação de acordo com o grau de exigência e seqüência de aquisição de conceitos; somente um deles (Ilustrações) pode ser administrado paralelamente aos outros. A seguir são apresentados cada instrumento, seguindo sua ordem de administração. É possível trabalhar com dois instrumentos, paralelamente, com o indivíduo desde que respeitando a seqüência abaixo, observando que a primeira tarefa será pré-requisito para a próxima, devido a necessidade de aquisição de conceitos.

Organização de Pontos: originalmente construído e organizado por André Rey, é o primeiro a ser administrado por conter tarefas que se diferenciam dos demais instrumentos e devido ao seu alto potencial de motivação. Composto por 26 páginas, cada uma delas com 14 ou 18 diferentes exercícios. A proposta deste instrumento é a organização de uma “nuvem” aparentemente caótica de pontos, que, interligados de acordo com uma figura padrão, resultam em formas determinadas (formas geométricas ou figuras). Feuerstein (1979) descreve que este instrumento trabalha a organização de relações virtuais que surgem de um processo de generalização. Algumas figuras aparecem sobrepostas, exigindo capacidade de planejamento, organização motora, inibição de resposta imediata que conduz ao erro.

Orientação Espacial I, II e III: têm a finalidade de trabalhar dificuldades em diferenciar e descrever as dimensões temporais. O **I** – contém 16 páginas e tem a finalidade de desenvolver o sistema espacial que domina as dimensões espaciais relativas e internalizar estes conceitos; o **II** – contém apenas sete páginas e proporciona o domínio das posições dos objetos no espaço (acima, abaixo, entre, sobre, debaixo e próximo). Nessa tarefa, é oportunizado ao indivíduo que se torne ativo na organização deste material, podendo formular novas conclusões a partir de rearranjos espaciais dos objetos; o **III** – introduz-se um sistema de referência externo e autônomo. Na primeira unidade deste instrumento, apresenta-se os pontos cardeais como parte de um sistema espacial estável; já na segunda unidade, entre os quatro pontos cardeais estáveis intersecciona-se os conceitos espaciais relativos desenvolvidos no primeiro instrumento e, na terceira unidade, trabalha-se com os dois conceitos como se já introjetados e apreendidos, de forma correlacionada.

Comparações: desenvolve a capacidade de encontrar as semelhanças e diferenças entre dois ou mais objetos ou acontecimentos e descrevê-los com base nas mesmas dimensões (Feuerstein et al, 1986, p.22). O pensamento comparativo (a comparação consciente das possíveis relações entre os objetos) desempenha uma importante função quanto à forma como o indivíduo percebe as dimensões do seu ambiente. Segundo Feuerstein (1980), este pensamento tem grande papel na percepção, pois determina a nitidez dos elementos percebidos. O simples reconhecimento dos objetos do meio ignora a diversidade das suas qualidades (cor, tamanho, forma, função...), mas o interesse em descobrir suas diferentes dimensões pressupõe o uso das operações cognitivas de comparação. Dentre as funções cognitivas que se encontram implícitas no processo de comparação está a conservação das qualidades. O

instrumento compõe-se de 22 páginas, divididas em 4 unidades.

Categorização: objetiva a superação da capacidade de transferência para categorias específicas (critérios de classificação ou de formação de conjuntos), a observação de características comuns e diferentes dos objetos e a elaboração ativa de conclusões lógicas na solução das tarefas. É composto por 31 páginas divididos em quatro unidades, apresentados na modalidade verbal e figurativa.

Percepção Analítica: composto por 38 páginas e tem por objetivo fomentar estratégias para a descrição e diferenciação do campo visual e para divisão do todo em partes. Visa a mediar estratégias para integração das partes em um todo, levando em consideração necessidades internas e relações externas, possibilidades de exercícios de reestruturação do campo visual e de interpretação da realidade. Acentua-se neste instrumento a interação do indivíduo com seu meio, e a influência desta percepção em seus processos internos.

Relações Familiares: com 36 páginas, não se propõe a ensinar relações ou graus de parentesco, mas objetiva trabalhar diferentes possibilidades de categorização no círculo familiar. São tarefas apresentadas na modalidade verbal, simbólica e gráfica. Feuerstein et al (1986, p. 20) afirma que “a capacidade de categorizar é aprendida pela criança conforme diferentes prismas, determinados pela diferenciação entre status e função na família”. Trabalha-se neste instrumento funções cognitivas como agrupamento, categorização e representação, pensamento analítico, inferencial e classificatório.

Relações Temporais: é um dos poucos instrumentos PEI que não apresenta uma ordem crescente de dificuldade em suas atividades. Composto por 35 páginas divididas em unidades que trabalham orientação espacial e é apresentado na modalidade verbal, figurada e numérica. Trabalha percepção do tempo através de registros, processamento e ordenação das relações.

Progressões Numéricas: tem por objetivo desenvolver a percepção das relações existentes entre os acontecimentos utilizando o pensamento indutivo, através da organização de regras e princípios. Apresentado na modalidade numérica.

Instruções: é apresentado na modalidade verbal e exige a aprendizagem prévia de conceitos trabalhados em instrumentos anteriores (Orientação Espacial I e II). Dividido em três unidades, envolvem processos de reversibilidade, decodificação, análise, planejamento e execução por meio de instruções escritas e gráficas. Feuerstein (1980, pg. 223), descreve que nesse instrumento “há uma ênfase no processo de

codificação dos estímulos visuais e decodificação das instruções verbais”.

Ilustrações: busca desenvolver a análise de dados, raciocínio lógico e organização sequencial.

Desenho de Padrões: baseado no instrumento RSDT de Grace Arthur (1930), necessita do desenvolvimento de funções cognitivas de instrumentos anteriores. Por apresentar alto nível de complexidade, envolve capacidade de pensamento abstrato.

Silogismos e Relações Transitivas: ambos trabalham operações cognitivas formais e o pensamento lógico-verbal, fomentando o uso de pensamento abstrato. O instrumento referente a Relações Transitivas promove a construção de novas relações a partir das relações existentes entre objetos ou eventos, utilizando conceitos. O referente a Silogismos objetiva ao desenvolvimento da lógica formal e envolve argumentação dedutiva e indutiva e pensamento lógico.

CAPÍTULO III

DISCUSSÃO

A neuropsicologia propõe diferentes formas de se avaliar dificuldades dos indivíduos. Muitos são as possibilidades de se identificar às falhas através de diversas testagens como WISC, WAIS, TOKEN TEST, PIRÂMIDES E PALMEIRAS, DÍGITOS... Quando o indivíduo apresenta uma falha em seu desempenho seja em caráter de dificuldade de aprendizagem, seja na área emocional ou social, logo busca-se uma forma de testar seus desempenhos utilizando baterias de testes específicos a cada área em defasagem. Assim encontram-se resultados que remontam o indivíduo e seus fracassos e é feito a condução para um programa de reabilitação. As testagens oferecem consideráveis informações para a tomada de decisão sobre o indivíduo, mas é importante salientar e considerar as características e o potencial do indivíduo, lembrando a influência de seu contexto familiar e sociocultural.

Nestas testagens somente é salientado e apresentado os pontos fracos, as dificuldades, mas cabe ressaltar a importância de ajudar os indivíduos a conhecerem seus pontos fortes e entenderem que, suas dificuldades não existem por falta de capacidade. Procurar levar o indivíduo a descobrir estratégias que sejam úteis (Dif. De aprendizagem, 2009) no seu desenvolvimento e aprendizagem de novas habilidades.

Apresentado então esta necessidade de trabalhar com as potencialidades e despertar no indivíduo a capacidade de ver que a aprendizagem é uma experiência excitante da qual se pode desfrutar, transformando em um ato que não termina, que se prolonga para ao longo da vida. Precisa-se de instrumentos capazes de trabalhar em terapia de reabilitação neuropsicológica estes aspectos.

Reuven Feuerstein, estrutura sua proposta metodológica com a visão de um indivíduo sempre capaz, mesmo acometido de dificuldades adquiridas ou não, mas possuidor de habilidades que podem ser trabalhadas. Em seu programa – PEI – não ocorre avaliação, testagem, mas sim trabalho efetivo de habilidades, capacitação. Para que se estruture um programa de reabilitação neuropsicológica propõe-se que instrumentos capazes de trabalhar com o que as testagens neuropsicológicas identificaram. Entendendo que se exige a organização interna dos indivíduos predispostos e estimulados com os resultados obtidos. Segundo a concepção do autor, os

fatores de inibição ou de fomento do desenvolvimento cognitivo dependem do nível qualitativo de mediação oportunizado por pessoas significativas(Beyer,1996).Propõe-se a otimização das capacidades individuais através da utilização do programa PEI, observando rendimentos cognitivos através de situações de aprendizagem e não de teste.

Apesar de ser extremamente importante estimar o nível atual de desempenho, funcionamento do indivíduo atualmente, através da detecção e identificação das funções deficitárias, que o caracterizam é também muito importante estimar o seu estilo, modo de aprendizagem e habilidades ainda preservadas que poderão estar auxiliando no resgate de outras defasadas. Isto exige a vivência direta de processo de efetiva aprendizagem e não de respostas originadas em aprendizagens passadas.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar o PEI como uma proposta inovadora de intervenção, que visa ao desenvolvimento cognitivo. Trata-se de uma proposta pertinente para prática neuropsicológica à medida que envolve intervenções relacionadas às áreas da linguagem, atenção, memória e funções executivas.

Os instrumentos PEI envolvem uma reorganização cognitiva a partir de processos relacionados à resolução de problemas. Envolve não uma mudança no padrão de conduta, mas uma reorganização de processos mentais. Não se trata de uma modelação externa de comportamento, mas uma objetiva remodelação de processos cognitivos através da resolução de problemas em nível abstrato, procurando corrigir funções cognitivas deficientes.

Os instrumentos propostos por Feuerstein no PEI envolvem tarefas relacionadas a funções executivas, linguagem, atenção e memória. Em específico, planejamentos e execuções de atividades elaboradas, iniciativa, memória de trabalho, atenção e inibição de impulsos, dentre outras. As funções executivas visam à regulação dos comportamentos através de organização de idéias, planejamento, tomada de decisões, elaboração de estratégias para resolução de problemas, flexibilidade de pensamento, auto-regulação dos impulsos e dos afetos e persistência. Nos instrumentos PEI, estes comportamentos são desenvolvidos por meio:

- do planejamento: criando alternativas para atingir o objetivo e completar a tarefa;
- da organização: criando estratégia a partir dos dados recebidos para facilitar a execução das tarefas;
- do manejo do tempo: quando se estima o tempo para que se realize a proposta de forma a conseguir executar os programas;
- da memória de trabalho: mantendo as informações já adquiridas para ir desenvolvendo a tarefa, aplicando conhecimentos e agregando outros;
- da metacognição: observando e identificando como procedeu cognitivamente na resolução dos problemas;
- na resposta inibitória;

- na auto-regulação do afeto: habilidade de regular as emoções para completar as tarefas, controlar o comportamento;
- na iniciativa: capacidade de iniciar, começar uma tarefa, sem procrastinar;
- na flexibilidade: habilidade de revisar os planos na presença de obstáculos, capacidade de adaptar-se as condições adversas;
- na persistência: capacidade de seguir e executar um plano até completar a meta.

A utilidade dessa proposta na área da intervenção neuropsicológica é apresentada também por Cunha e Guidoreni (2009) e por Torres (2005), que descrevem dados empíricos que incentivam a aplicação da proposta de Feuerstein na intervenção terapêutica, em especial no que tange à capacidade motora e às funções executivas. Uma vez que a área da neuropsicologia carece de instrumentos e estratégias de intervenção, a ampliação desses estudos é pertinente para aprimoramento de possíveis recursos metodológicos a serem utilizados no campo clínico.

CAPÍTULO V

REFERÊNCIAS

- ABRISQUETA-GOMEZ, JAQUELINE,SANTOS,FLAVIA HELOISA dos.(2006) Reabilitação neuropsicológica da teoria à prática. São Paulo:Artes Médicas.
- ANDRADE,VIVIAN MARIA,SANTOS,FLÁVIA HELOISA dos,BUENO, ORLANDO FRANCISCO AMADEO.(2004) Neuropsicologia hoje.São Paulo:Artes Médicas.
- BEYER,HUGO OTTO.(1996).O fazer psicopedagógico: a abordagem de Reuven Feuersteina a partir de Vygotsky e Piaget.Porto Alegre:Mediação.
- CHRISTENSEN, A.-L.(1979). Luria`sneuropsychological investigation. Copenhague: Munksgaard.
- DAMÁSIO, A.(1995). O erro de Descartes – Emoção,razão e cérebro humano. Lisboa:Europa-América
- FEUERSTEIN, R.(1987). Apprend à être intelligent”.In: Le Journal des Psychologues,n.48.
- FONSECA, V. da (2008).Cognição,neuropsicologia e aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica.Petrópolis,RJ:Vozes.
- FONSECA, V. da (2004). Dificuldades de aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. Lisboa: Ancora.
- FONSECA, V. da (2001). Cognição e aprendizagem. Lisboa:Ancora.
- FONSECA, V. da (1998). Aprender a aprender – A educabilidade cognitiva. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- FONSECA, V. da & SANTOS, F.(1995). Programa de Enriquecimento Instrumental de Feuerstein: um método para ensinar a pensar. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- GIL,ROGER. (2007).Neuropsicologia.São Paulo:Santos.
- HUTZ,CLAUDIO SIMON.(org.).(2010). Avanços em avaliação psicológica e neuropsicológica de crianças e adolescentes. São Paulo:Casa do Psicólogo.
- KOLB, B.& WHISHAW, I. (1986). Fundamentos de neuropsicologia humana. Barcelona:Labor.
- LÚRIA, A.R. (1990). Desenvolvimento cognitivo. São Paulo: Ícone
- VYGOTSKY, L.(1969). Do ato ao pensamento. Lisboa:Portugália.

<http://www.comportamentoinfantil.com/artigos/funçõesexecutivas.htm>, consultado em 13/5/10

http://www.cerebromente.org.br/n17/mente/brain-development_p.htm, consultado em 13/5/10